

SLAM: a poesia marginal como forma de protesto e prática pedagógica no desenvolvimento do protagonismo juvenil

Prof.^a Msc. Nayra Nicolau dos Santos-Cruz

E. E. Prof.^a Zulmira de Almeida Lambert, São Vicente, SP, Brasil

Resumo: Este trabalho aborda a inserção do Projeto *SLAM* no contexto escolar do Programa de Ensino Integral (PEI) da Escola Estadual “Prof.^a Zulmira de Almeida Lambert”, com os alunos do ensino médio. Os participantes do projeto se encontram no clube juvenil uma vez por semana. O projeto foi iniciado por uma Oficina de *Slam*, onde os alunos puderam conhecer melhor a história e seu surgimento no Brasil, a metodologia de como se escrevem e se declamam as poesias de autoria dos alunos. Foram apresentadas as regras da Batalha de Poesias na escola, pois o vencedor desta batalha irá representá-la na competição “*Slam* de Poesias Interescolar de São Paulo”.

Palavras-chave: Inclusão social. Batalha. Rima. Identidade.

Abstract: This work deals with the insertion of the Slam Project in the school context of PEI E. E. Prof.^a Zulmira de Almeida Lambert, with high school students. The participants of Project meet at the Youth Club once a week. The Project was initiated by a Slam Workshop, Where the students were able to learn more about the history, the methodology of how the students poetry is written and recited. The rules of the Poetry Battle were presented at the school, as the winner of this battle will represent the School in the “Slam de Poesias Interescolar de São Paulo”.

Keywords: Social inclusion, Battle. Rhyme. Identify.

INTRODUÇÃO

Slam é uma palavra originária de uma onomatopeia da língua inglesa para representar algo como um bater de porta “pá! pow!”. O *Slam Poetry*, como é apresentado na língua inglesa, são batalhas que possuem cinco pilares: poesia, performance, interatividade, competição e comunidade (SILVA, 2022).

É conhecida no Brasil também como poesia marginal, apresentada na forma de texto, voz e corpo. E, ao contrário das poesias apresentadas em grandes saraus, ela é acessível a todos por sua forma de linguagem, tema e até pelos locais onde elas são apresentadas. Possui liberdade artística tanto na escolha do tema como também na sua estética e na oralidade em sua apresentação. Em seus textos, são bem visíveis o vocabulário da periferia e a valorização das gírias (SOUSA, 2022).

Embora as raízes do *Slam* remetam à Antiguidade e a Idade Média, a exemplo dos trovadores, o gênero, da forma que conhecemos hoje, surgiu em Chicago, nos Estados Unidos, nos anos 1980, através da ideia de atribuir notas às apresentações e criar competições (batalhas), que ironizassem a declamação acadêmica e fossem diferente dos saraus, com mais concretismo e menos abstração.

Slam chegou ao Brasil, em 2008, pela artista Roberta D’Alva, com a formação do ZAP *Slam* (Zona Autônoma da Palavra). Em 2012, foi criado, por Emerson Alcalde, o primeiro *Slam* de rua do Brasil: o *Slam* da Guilhermina, que são os responsáveis pela criação e organização do “Slam de Poesias Interescolar de São Paulo”. (SOUSA, 2022). Em 2021, esse projeto do *slam* interescolar ganhou o prêmio literário mais tradicional e cobiçado, o *Jabutí*, na categoria “Fomento à Leitura”, no eixo Inovação. De acordo com as últimas pesquisas, hoje temos mais de 50 *Slams* no estado de São Paulo e mais de 150 por todo o Brasil.

A modalidade se popularizou e hoje encontra um cenário forte em países como Inglaterra, Itália, Alemanha, França, entre outros, atingindo espaços onde, historicamente, os principais protagonistas não tinham uma voz ativa. As principais competições de *SLAM* são o Campeonato Nacional de Slam (Brasil), Copa América de *Slam* (*Slam Abya Yala*) e a Copa do Mundo de Poesia Falada (França). A sua popularização também se deu pelo fato de as Batalhas de diferentes comunidades serem postadas e divulgadas em redes sociais e plataformas digitais como o YouTube, por exemplo (OLIVEIRA, 2022).

Poemas sobre a identidade dos autores são mais fáceis de serem reconhecidos e suas mensagens, perceptivas por conta de sua própria presença física, como aborda a autora Somers-Willet (2009). Tão importante quanto a mensagem do seu texto é também a sua performance. Sua presença física e seu modo de se comunicar formam a identidade do poeta de forma autêntica.

Outra característica forte do *Slam* é a interação da performance com o público que é ativo e espontâneo e se expressa conforme os poemas emocionam, emitindo, assim, gritos como “Woow. Pow pow pow. Uhuuu”, seguido de muitas palmas (MELO; SOUSA, 2022).

A fim de oportunizar que os alunos conheçam diferentes gêneros literários e trabalhos de pesquisa, e criem momentos de reflexão e debates sobre diversos assuntos, como a valorização dos jovens, a sexualidade, os gêneros, o sexismo, a política, a opressão, a intolerância religiosa e a violência, este trabalho tem como objetivo descrever como se dá o desenvolvimento do *Slam* Zulmira, no ano de 2022, no PEI E. E. “Prof.^a Zulmira de Almeida Lambert”, e como impacta a comunidade escolar, a formação dos alunos participantes, poetas e ouvintes.

METODOLOGIA

No primeiro dia de aula do ano letivo de 2022, no movimento realizado pelo grupo de alunos acolhedores, foi falado sobre o Slam e como este projeto já é uma atividade consolidada na nossa escola. Uma das atividades propostas pelos acolhedores era a de que cada grupo de alunos acolhidos construísse uma poesia coletiva sobre o tema que eles considerassem oportuno trabalhar e discutir na escola ao longo do ano letivo.

Ao início das aulas, foi apresentado aos alunos, pelos professores, o *SLAM* na área de Linguagens, Currículo em Ação – 1.^a série, 2.^o bimestre de Língua Portuguesa. Por iniciativa da aluna Maria Eduarda dos Santos França, do segundo ano do Ensino Médio, foi montado o Clube Juvenil de Slam, tendo a professora da Sala de Leitura como madrinha. Foi ofertada a Oficina de Slam pela professora responsável pelo clube, para que os alunos tivessem a mesma formação e nivelamento dos alunos novos no clube e na escola.

A escola foi inscrita para participar do “*Slam* de Poesias Interescolar de São Paulo”, organizado pelo Coletivo *Slam* da Guilhermina, onde houve formação, por parte da organização do evento, aos professores das escolas inscritas e aos alunos dessas escolas, realizada por um poeta formador vinculado ao *SLAM* Interescolar.

A Batalha Oficial do *Slam* Zulmira para a escolha do representante da escola, na competição interestadual aconteceu no pátio da escola, com a presença de todos os alunos, professores e funcionários. A Batalha possuiu três rodadas: na primeira, todos os alunos se apresentam e cinco se classificaram para a próxima rodada. Na segunda rodada, três alunos se classificam e foram para a final. Na última rodada, tivemos o vencedor e o representante da escola na competição interescolar.

A classificação é feita de acordo com as maiores notas dadas pelos cinco juízes, que foram escolhidos de forma aleatória entre professores e funcionários, e foram utilizadas as três notas intermediárias, sendo descartadas a nota mais alta e a mais baixa, a fim de evitar o favoritismo, caso existisse preferência por algum poeta específico por parte de algum integrante do júri.

Não existiu um critério específico para que os jurados avaliassem as apresentações e dessem suas notas. Geralmente, são instruídos a avaliar de acordo com as suas emoções e sobre como o poema o tocou de forma pessoal, observando somente as regras de que o poema, além de ter que ser autoral. Na hora da apresentação, não pôde ser utilizado nenhum artefato cênico, fantasia ou instrumento musical para dar sentido ao poema.

As apresentações dos poemas não puderam ultrapassar o tempo de três minutos. Caso esse tempo fosse ultrapassado, o poeta teria a tolerância de 10 segundos sem penalidade. Passada a tolerância, seria subtraído 0,5 ponto da nota final e, a cada 10 segundos seguintes ultrapassados, ia diminuindo 0,5 pelo matemático, que é a pessoa responsável pela tabulação, aferição das notas dos jurados e do tempo cronometrado de cada apresentação (SOUSA, 2022).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O *Slam* foi introduzido na E. E. “Prof.^a Zulmira de Almeida Lambert” pelo professores Jefferson Nascimento (Língua Portuguesa) e Wanderlei Minelli Junior

(História), no ano de 2020, porém abordamos o desenvolvimento desde o início do ano letivo de 2022 até o presente momento.

Ao contrário, dos anos anteriores, em que os encontros do *Slam* eram realizados em contraturno, o *Slam*, nesse ano, virou um Clube Juvenil, cujas presidente e vice-presidente são alunas que participaram no ano anterior, tendo como madrinha do clube a professora Nayra Nicolau, da Sala de Leitura, que também participou, no ano anterior, como apoio aos professores responsáveis já mencionados anteriormente.

No segundo bimestre, a escola se inscreveu no “*Slam* de Poesias Interescolar de São Paulo”, onde foi ofertada uma formação aos professores responsáveis pela inscrição. Nesta formação, além de falar sobre o *Slam* em si, foi explicado como desenvolver a batalha nas escolas para que cada unidade escolar inscrita tivesse um aluno representante e um suplente na competição oficial.

Em seguida, foi realizada uma oficina, junto ao Clube Juvenil de *Slam*, pela professora da Sala de Leitura, onde foi abordada a origem do *slam*, como se desenvolve, suas regras, os diferentes tipos de performance e a leitura de alguns poemas autorais pela presidente do clube juvenil, Maria Eduarda França, conhecida como Maduh, no *Slam* Zulmira. Nessa oficina, tivemos a oportunidade de colocarmos a “mão na massa” com uma atividade que auxilia o poeta a delinear o tema a ser desenvolvido e até mesmo ajudá-lo quando se encontrava em um momento de bloqueio criativo. Esta atividade consiste em uma série de perguntas propostas por Machado (2020), que leva o aluno a pensar e refletir sobre como o tema escolhido por ele pode ser declamado.

Qual foi o tema escolhido? Como você vivencia a situação do tema em seu cotidiano? O que você sente quando passa por isso? Por que essa questão o incomoda? Em quais espaços você pode encontrar esse tipo de problema? Quem sofre com essa questão? O que as pessoas atingidas sentem? Como a sociedade lida com esse tema? Existe alguém ou alguma instituição que seja responsável por ele? O que deveria ser feito para que essa questão fosse resolvida? Como você, seus amigos, família e escola, poderiam agir para melhorar essa situação? Há alguma solução que possa pôr em prática?

Podemos dizer que responder essas questões seja condição *sine qua non* para que o aluno poeta perceba que a sua poesia autoral só vai ter verdade em sua fala se ele realmente tiver propriedade e conhecimento do que estiver falando. Se o *slam* for

uma poesia sobre a sua vivência e sua realidade, um aluno que não more em um bairro de periferia não pode dizer e querer passar verdade ao falar das dificuldades de ter acesso à rede de esgoto e como isso influencia no seu desenvolvimento enquanto cidadão, que possui os direitos de ter acesso às condições básicas de saúde e que o governo não lhe dá oportunidades para que isso aconteça.

No início de agosto, como parte da metodologia do Interescolar, tivemos a presença da poetisa formadora Tawane Theodoro, que não só fez a formação para os alunos do Clube Juvenil de Slam, como também estavam presentes os alunos representantes da Comissão de Direitos Humanos e o Núcleo Representativo da Trilha Antirracista da escola. Em uma de suas falas, a poetisa Tawane reforçou aos alunos a importância de se reconhecer e saber utilizar o lugar de fala, uma vez que a poesia, mesmo sendo de autoria individual, no momento que a coloca como uma fala ou um grito, passa, automaticamente, para o coletivo, e essa mensagem não é mais sobre o grito individual, mas de uma comunidade ou grupo de pessoas que possui as mesmas angústias ou necessidades.

Tawane também falou de como o *slam* conseguiu tirá-la da condição de aluna tímida e introspectiva para a mulher que consegue falar de suas aflições e visões de mundo de forma empoderada, criando, assim, uma identidade enquanto representante de um movimento coletivo com voz ativa, reafirmando o que Hall (2006) expressa sobre a identidade ser formada por um momento histórico e não por meio da cronologia biológica do indivíduo, o que permite ser mutável ao longo de sua existência.

Este movimento de transformação individual e coletiva proposta por Silva (2022) se mostrou bastante eficaz em nossa escola, uma vez que os diferentes tipos de opinião e/ou vivência saem do cenário de antagonistas (amigo/inimigo) e passam se posicionar como agonistas (legitimam seu oponente). Os alunos entendem que é necessário ter posicionamentos distintos para o crescimento e o desenvolvimento sadio de uma sociedade, refletindo, assim, em um ótimo exercício de como se entender na prática a empatia, como foi descrito por alguns alunos.

A batalha de slam mostrou uma nova visão para mim em relação ao mundo. O slam influencia muito os alunos na escola, pois ele une, inclui as diferenças e dá voz aos que não se sentem representados ou escutados dentro da

escola. Ele dá abertura para as pessoas explorarem e descobrirem a sua criatividade e sua essência, ou até mesmo aos que não criam suas poesias, mas escutam os que recitam, acabam se identificando e vendo que outras pessoas também passam pelos mesmos problemas ou semelhantes, criando laços e causam um bem-estar no ambiente escolar. Paulo Henrique da Silva Santos Junior (2ª série E.M.).

O aluno Paulo Henrique conheceu o *slam* e participou, como ouvinte, em uma das Batalhas que aconteceram no ano passado, em nossa escola. Este ano, esteve presente como representante da Comissão de Direitos Humanos e pôde participar também da formação da Tawane e ter contato com os conhecimentos empíricos que cercam o mundo da poesia marginal, entendendo que a poesia também toca de forma profunda tanto aquelas pessoas que as criam como os que ouvem, reconhecendo-se, muitas vezes, em cada verso citado pelos colegas.

Com o propósito de se identificar no mundo, a escrita do *slam* traz uma articulação dos sentimentos do poeta com a sua observação pessoal com relação ao mundo (BOUDREAU, 2009).

A aluna Gabrielly Vilimovic, que começou a frequentar o Clube Juvenil de Slam recentemente, após uma apresentação informal dos alunos, realizada no horário do almoço, trazendo temas como desigualdade social, violência contra a mulher e homofobia.

O *slam* me fez abrir os olhos para os detalhes à minha volta. Como coisas simples do dia a dia, coisas que deviam ser mais valorizadas. Assim como os sentimentos. Ouvir o posicionamento de outra pessoa, além do nosso próprio, nos faz ter outra concepção sobre o mundo. Ajudando até mesmo no convívio escolar, tendo uma influência positiva sobre todos. Gabrielly Vilimovic dos Santos (2.ª série E.M.).

Hooks (2017), em seu trabalho, exalta que as grandes teorias, quando não podem ser explanadas em simples conversas ou levadas em contraponto às situações do cotidiano, não podem ser usadas com a finalidade de educar o público. E, para romper com a ideia de que somente grupos seletos têm acesso a certas teorias, como citado pela autora, fica evidente a importância do *slam* enquanto prática educadora, uma vez que a sua comunicação tem eficácia em relação à abrangência de pessoas de diferentes gêneros, níveis sociais, faixas etárias etc.

O *slam* é um movimento poético dinâmico, uma vez que retrata o presente com situações do cotidiano, traz reflexões históricas que influenciam o que vivemos hoje, não somente aos poetas como ao público, que se sente provocado ao refletir sobre o que está vivenciando (SILVA, 2022). Com o passar do tempo, o compilado de poesias que foram criadas se transformou em um memorial de fatos vividos em um determinado período, o que poderá servir de reflexão para estudos futuros para entender como se formou e como era a identidade da nossa comunidade que, no nosso caso, é a escola E. E. Zulmira.

Para os participantes, o *Slam* é compreendido como uma forma de expor a sua arte poética e performática e como a ferramenta para se ter voz na sociedade em que se vive, é criar engajamento e poder transformar o conhecimento em movimento de luta contra as minorias, como expressam as alunas Giovanna Carlos Raimundo e Maria Eduarda França dos Santos, participantes do *slam* pelo segundo ano.

Bom, o *slam* mudou a minha visão de quem nem sempre temos que ficar calados durante alguma situação. Devemos nos impor e saber o nosso lugar, mostrando a todos que aquilo não nos cala. Aprendi muito no *slam* e continuo aprendendo sempre. Acredito que, para nós, poetas [*sic*], incentivamos outros alunos e até professores a escrever sobre seus sentimentos e botar sua raiva pra fora, fazendo com que se sintam mais leves e sejam aplaudidos de pé. Giovanna Carlos Raimundo (2.^a série E.M.).

O *slam* nos mostra mais a realidade do mundo em que vivemos. Acabamos entendendo a dor de uma pessoa negra que já sofreu racismo, a vida na comunidade etc. Ele fala do dia a dia das pessoas e, de certa forma, nos colocamos no lugar do outro. O *slam* nos mostra o mundo por outros ângulos, um lado mais artístico, porém repleto de resiliência. Cada poema tem a personalidade de cada poeta! Para os ouvintes, faz com que eles pensem em algo que, por algum motivo, não esteja presente no dia a dia deles ou que não faça parte de suas vidas. Para os poetas, o *slam* muda de dentro pra fora! Quando escutamos as poesias dos nossos colegas, aprendemos e entendemos um pouco mais sobre eles e, às vezes, também nos identificamos. Aprendemos a criar opiniões concretas e até uma certa confiança, mas, acima de tudo, entendemos que conhecimento e estudo é a base de tudo! Maria Eduarda dos Santos França (2.^a série E.M.).

Herpich (2022) traz a reflexão de que o *slam* proporciona ao poeta a liberdade de poder falar de suas histórias e lutas reais, sobre o seu olhar e seu posicionamento na sociedade. Se são o corpo e a voz que dão vida à apresentação, existe mais um elemento que fortalece a formação desse aluno, que é a sua oratória, e o seu poder de se comunicar e se fazer entender. Logo, ninguém que passa por um *SLAM* pode sair da mesma forma que chegou.

Silva e Losekan (2022) relatam como foi a introdução dos *slams* nas escolas do estado do Espírito Santo, promovendo reflexões sobre o papel dos alunos na escola, enquanto engajamento na aula, além de incentivar outras iniciativas no campo artístico da escola, como aconteceu em nossa escola, onde os alunos foram inspirados e encorajados a mostrar os seus trabalhos que, antes, eram guardados ou mostrados somente a amigos mais próximos. Estes autores defendem que a ideia não é colocar dentro das escolas o que já é feito no *slam* de rua, mas trazer para a escola um conceito político-democrático para ser construído no ambiente escolar, com base no contexto sócio-histórico-cultural do aluno, onde a regra principal é não ferir os Direitos Humanos e nem realizar ataques pessoais a ninguém da nossa comunidade escolar, de forma que possa ser construída uma identidade coletiva do *Slam* do Zulmira, ao qual seus alunos pertencem.

A escola traz elementos desafiadores para a prática do *slam* em seus espaços. Diferentemente do que acontece nos espaços públicos onde acontecem os *slams*, o público lá é presente por seu interesse genuíno e, na escola, talvez haja uma certa dificuldade em envolver todo o público, uma vez que muitos alunos não conhecem o *slam*, ou não possuem interesse por esse tipo de atividade cultural, tornando, assim, um enorme desafio para os alunos poetas se apresentarem e conseguirem êxito ao agradar ao público presente. O ambiente escolar, ao mesmo tempo que se coloca como desafiador, como dito anteriormente, por outro lado é porta de entrada para construção do potencial agonístico, por conta da formação plural de seu público.

No dia 22 de setembro deste ano letivo, aconteceu, em nossa escola, a Batalha Oficial de *Slam*, que contou como classificação para participarmos do *Slam* Interescolar de SP na categoria Ensino Médio. Ao todo, se apresentaram 12 alunos poetas ou *slammers*, como gostam de ser chamados.

Na primeira fase: Brunna Pelosi Máximo, Carlos Eduardo Eloy Martins, Gabrielly Vilimovic, Giovanna Carlos Raimundo, Giulia Elen Brum Antunes, Letícia Rodrigues da Silva, Manuela Catelli, Maria Eduarda Alves Cavalcante Correia, Maria Eduarda dos Santos França, Maria Eduarda Rodrigues do Nascimento Bastos, Maria Eduarda Zorzan de Oliveira Passos e Richard dos Santos Jesus. Na segunda fase: Brunna Pelosi Máximo, Carlos Eduardo Eloy Martins, Gabrielly Vilimovic, Giulia Elen

Brum Antunes e Maria Eduarda Alves Cavalcante Correia. Na final: Brunna Pelosi Máximo, Carlos Eduardo Eloy Martins e Maria Eduarda Alves Cavalcante Correia.

Nossos representantes no *Slam* Interescolar de SP serão Brunna Pelosi Máximo, primeira colocada, e Carlos Eduardo Eloy Martins, segundo colocado, e que será suplente da Brunna no Interescolar.

A Batalha do *Slam* Zulmira movimentou toda a comunidade escolar, uma vez que todas as turmas e professores compareceram para prestigiar o evento, além da participação do Clube Juvenil de Fotografia e Audiovisual, que foi responsável pela cobertura do evento, montagem dos equipamentos (som, televisão, microfones, pedestais etc.) e alunos acolhedores, que participaram como matemáticos e na organização do espaço onde foi realizado o evento, fortalecendo o protagonismo juvenil. Os integrantes do júri foram os professores e o coordenador de área.

Mais detalhes do evento podem ser assistidos por meio do vídeo disponibilizado no Youtube, pelo link https://youtu.be/_Sh7aTcAPy4.

CONCLUSÃO

Foi observado que a maioria dos estudos acadêmicos sobre o *slam* possui apenas a abordagem educacional enquanto uma ferramenta da área de Linguagens. O que ficou comprovado em nossa escola é que ele transita bem não somente em todas as áreas de conhecimento, como nas competências socioemocionais onde é perceptível no aluno o desenvolvimento de autonomia, autoestima, criatividade, empatia, ética e autoconhecimento.

Foi observado o aumento da leitura dos alunos participantes e nos empréstimos dos livros da Sala de Leitura, uma vez que eles sabem que a leitura de diferentes gêneros textuais, aliada ao conhecimento dos acontecimentos históricos, rende boas reflexões e, logo, boas poesias críticas. A aliança entre a pesquisa com a produção do *slam* melhorou o desempenho acadêmico, pois a habilidade de pesquisar e aprender com autonomia é requisito fundamental à construção de uma formação com excelência acadêmica do educando, que é o principal objetivo do Programa de Ensino Integral, ao qual nossa escola pertence.

O *slam* também aproxima o aluno do professor, uma vez que o docente passa a conhecê-lo melhor, não somente por seu desempenho nas atividades formais escolares, como as avaliações institucionais, por exemplo.

Fica evidente que no *Slam* Zulmira foram criadas identidades coletivas, por meio de afinidades e interesses. Sendo assim, é de fácil entendimento que ele pode ser um ambiente propício para a formação identitária dos alunos enquanto cidadãos pertencentes a uma sociedade em que podem ser protagonistas de suas ações e que se reconheçam e lutem pelos seus ideais políticos e sociais.

REFERÊNCIAS

BOUDREAU, Kathryn E. **Slam Poetry and Cultural Experience for Children**. Forum on Public Policy, 2009.

HERPICH, Natália. **Resistência e a poesia slam na escola: Performances de combate e ativismo**. 2022. 100f. TCC, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2022.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

MELO, Carolina Nascimento de; Karina Almeida de. Porque Guilhermina é Esperança: o Slam e o protagonismo da juventude negra. **Revista Terceira Marem**. v. 26, n. 49, p.39-57, 2022

SILVA, Caio Ruano de. A identidade coletiva do slam poetry. **Plural. Revista de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação de Sociologia da USP**, v. 29., n.1, p. 232-255, 2022.

SILVA, Caio Ruano de; Losekann, Cristiana. Slam Poetry como confronto nas ruas e nas escolas. **Ed. Soc. Campinas**. v. 41, e. 228382, 2020.

SOMERS-WILLET, Susan B. A. **The cultural politics of slam poetry: race, identify and the performance of popular verse in America**. Michigan: University of Michigan Press, 2009.

SOUSA, Adriana Sthefany Nascimento de. **O poetry slam de autoria feminina: o corpo e a voz da mulher como linguagem transgressora e política**. Orientadora: Amanda Brito. 2022. 38f. TCC - (Graduação) Letras- Português, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.